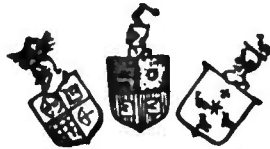




EXCELSIOR



EX-LIBRIS

de

Maria da Conceição Van Zeller
Pereira Palha Gil de Borja
e Menezes

le ne fay rien
sans
Gayeté

(Montaigne, Des livres)

Ex Libris
José Mindlin

NAUFRAGIO

Que passou

JORGE DE ALBUQUERQUE
COELHO

*Vindo do Brazil para este Reyno no
anno de 1565.*



ESCRITO

POR BENTO TEIXEIRA PINTO
Que se achou no ditto Naufragio.

Tom. II.

A

PRO-

PROLOGO

A O

LEYTOR

COSTUME foy muy recebido entre antigos , quando alguma pessoa escapava de notavel perigo, ou enfermidade , apresentar no Templo huma taboa, em que o perigo que passára, estivesse escrito. Prova ser isto assim Strabo, no outavo livro de sua Geografia, dizendo, que o primeiro que poz a Medecina em arte, foy Hippocrates, recolhendo todas estas taboas e escritos, em que se continhaõ as doenças que succederaõ a cada hum, e o remedio de que contra ellas usára. Pois sendo assim (benigno Leitor) naõ creyo que deixará este breve Summario de hum Naufragio taõ estranho como este, de ser bem recebido, pois ambas as razõens tem por si. A primeira, a obrigação que temos todos os que chegamos vivos deste traba-

lho a porto de salvamento , de notificarmos ao mundo a mercê , que a Virgem Madre de Deos nos fez em nos livrar dos estranhos e não cuidados trabalhos que passamos : e a segunda , mostrar o remedio de que nos neste caso tão temeroso aproveitamos , que foy de muitas lagrimas , contrição , e arrependimento de culpas passadas , pedido de continuo misericordia a Nosso Senhor. E nenhuma couza esperey menos , que poder este Naufragio vir a ser sabido por escrito ; porque ainda que nossa natureza he fugeita aos trabalhos , toda via não agazalha bem a lembrança delles , pela pena que nos dà o que vimos com os olhos. E quem diz , que a lembrança dos trabalhos passados dà gosto , não se vio nunca nestes , nem em outros semelhantes ; porque o gosto que se recebe na memoria delles , nasce do descanso em que se vê quem os passou , e não do lembrar-se de ver tão particularmente a morte ao olho , como dizem. E não haja ninguem por fraqueza o que digo , porque Virgilio excellent Poeta , em hum tão valeroso e esforçado Cavalleiro , como pintou em Eneas,

poz muito receyô de contar os trabalhos passados, dizendo que lhe fugia o entendimento da lembrança delles. E por esta razão não esperey de escrever este discurso. Porém por me parecer, que seria ingrato às grandes mercês que de Nosso Senhor recebemos os que deste Naufragio escapâmos, dos quaes eu fuy hum delles, e o mais peccador, determiney fazer esta Relação, por ver quantos annos ha que isto aconteeo, sem athè hoje haver pessoa que de couza tamanha fizesse memoria. E persuadido de alguns meos amigos que a imprimisse, não o quiz fazer sem que primeiro a mostrasse a Jorge de Albuquerque, que nesta Nao vinha: e como elle fosse a principal pessoa da companhia, e o que mais trabalhos passou por nos animar, e esforçar, assim com palavras de consolação, como com obras e oraçoens, que de continuo fazia a Nosso Senhor, não no achey remoto desta lembrança em couza alguma; antes me trouxe à memoria outras muitas couzas, de que eu estava bem esquecido: e muitas mais deixey de escrever, as quaes pediriaõ (a meo juizo) outro tanto papel.

Mas

6

Mas por me parecer, que estas de que faço menção, bastão para dar motivo aos homens, que louvem ao Senhor, e tenham sempre muita confiança na sua misericordia, quando nos mayores trabalhos se virem, quiz antes ser notado de breve, que de preluxo. Porque meo intento principal he ser Nosso Senhor louvado e glorificado de todos: o qual usando de sua benignidade com affligidos os tira de perigos, e chega a salvamento. Pelo que peço não olhem às palavras, que são as que são, mas ao intento, que he ser o Senhor louvado para sempre.



NAU



NAUFRAGIO

Que passou

JORGE DE ALBUQUERQUE
COELHO.

Vindo do Brazil no anno de 1565.



O tempo que a Rainha D. Catharina Avô d'ElRey D. Sebastião governava este Reyno de Portugal por seu Neto, veyo nova do Brazil, e da Capitania de Pernambuco, que os mais dos Principaes dos Gentios, que na dita Capitania havia, estavaõ alevantados contra os Portuguezes; e tinhaõ cercados os mais dos Lugares e Villas, que
na

na dita Capitania havia. Pela qual razão a dita Rainha mandou a Duarte Coelho de Albuquerque, que era herdeiro da Capitania, que a fosse soccorrer. E por saber e entender quaõ necessario lhe era levar comsigo seo irmão Jorge de Albuquerque Coelho, pedio à Rainha, que mandasse ao dito seo irmão, que o acompanhasse no soccorro daquella Capitania, e fosse com elle para o ajudar a soccorrella, como foy, por lhe a dita Senhora Rainha mandar, que acodisse àquella necessidade, pelo serviço que nisso fazia a Deos, e a ElRey seo Neto, e ao bem do povo deste Reyno. Chegou à dita Capitania no anno de 1560. sendo elle de idade de vinte annos. E por ter já alguma experiencia das couzas da guerra, assim do mar, como da terra. Depois de seo irmão Duarte Coelho de Albuquerque tomar pôsse da Capitania, e servir de Capitaõ, e Governador della, chamou a Conselho alguns Padres da Companhia graves que estavaõ no Collegio que os ditos Padres tem na Villa de Olinda, huma das principaes Villas que ha na Capitania de Pernambuco, e muitos homens honrados dos principaes do governo da terra, e se assentou entre todos que se elegeisse por Geral da guerra, e Conquistador da terra da dita Capitania Jorge de Albuquerque Coelho, o qual como lhe disseraõ, que cumpria muito ao serviço de Deos, e d'ElRey, e bem do povo daquella Capitania, aceitar e servir o dito Cargo, o aceitou, e aventurou, e arriscou perder a vida, por fazer este serviço a Deos, e a ElRey, e bem ao povo, e fazer

Jorge de Albuquerque Coelho. 9

zer o que a dita Senhora Rainha D. Catharina lhe tinha mandado e encomendado. Começou a fazer guerra aos inimigos no dito anno de sessenta, com trazer em sua companhia muitos soldados, e criados seos, a quem dava de comer, beber, vestir, e calçar à sua custa. E sinco annos que gastou em conquistar a dita Capitania pelas montanhas e desertos, Veroens e Invernòs, de noite e de dia, passou muitos em si grandes trabalhos, sendo elle, e os seos Soldados, e criados feridos muitas vezes, pelejando algumas vezes a pè, e outras a cavallo. E quando se vinha recolher a alguns dos Lugares ou Villas dos nossos Portuguezes, que via que não podia chegar com de dia, no mayor e mais fermoso bosque que achava, se agazalhava ao pè das arvores, com mandar fazer choupanas de rama e palma, em que se agazalhassem os Soldados; e estas ramas e choupanas mandava fazer por muitos escravos, que trazia em sua companhia, que serviaõ de descubrir, e vigiar o campo, e o lugar onde se agazalhavaõ, juntamente com alguns Soldados, passando taõtas fõmes, e necessidades, que muitas vezes não tinhaõ que comer mais que cranguejos do mato, e farinha de pào, e fruta brava do campo. E com estas couzas, e com as palavras que usava com os Soldados os contentava e consolava; e quando tomava algum Fõrte ou Aldea dos Gentios, fartava os ditos soldados, com muitos porcos, gallinhas, e outro muito mantimento da terra, que achava nas ditas Aldeas: e acabada de tomar alguma Aldea, hia logo sobre outra, e a tomava com fa-

eilidade, por não terem tempo de se fazerem prestes. E com esta diligencia e brevidade que poz nesta conquista, a pôde conquistar dentro em cinco annos, estando tão povoada de inimigos, que quando chegou à dita Capitania por mandado da Rainha D. Catharina, não ousavaõ os Portuguezes que moravaõ na Villa de Olinda, a fahir fóra da Villa, mais que huma duas legoas pela terra dentro, e ao longo da Côsta tres quatro legoas; e despois que acabou de a conquistar, seguramente podem hir quinze vinte legoas pela terra dentro, e sessenta ao longo da Côsta, por tantas ter a dita Capitania de jurisdicão. E deixando a Capitania conquistada, e os inimigos quietos, e pacificos, com pedirem paz, a qual lhe concederaõ, se embarcou, e veyo para este Reyno na Nao Santo Antonio, na qual viagem lhe aconteceu o que neste Naufragio se contém.

Quebrantado Jorge de Albuquerque dos trabalhos que passára em companhia de Duarte Coelho de Albuquerque feo Irmaõ, no descobrimento do Rio de S. Francisco, da Capitania de Pernambuco no Brazil, e assim das guerras, que por espaço de cinco annos duraraõ na Capitania depois do dito descobrimento, em o qual tempo se passaraõ grandes trabalhos, fômes, e mórtes, e esteve toda a Capitania em risco de se perder: deixando tudo pacifico, e querendose vir para este Reyno, determinou embarcar-se em huma Nao nova de duzentos toneis, por nome Santo Antonio, que estava carregando no porto da Villa de Olinda, na mesma Capitania, para fazer viagem

Jorge de Albuquerque Coelho. II

gem a esta Cidade de Lisboa; de que era Mestre André Rodrigues, e Piloto Alvaro Marinho, homens d'èstros na Arte de navegar, e que tinhaõ feito muitas viagens. E estando a Nao carregada com muita fazenda, e embarcado elle, e todos os que nella haviaõ de vir, quarta feira dezaseis de Mayo do anno de 1565. com vento de viagem, d'eraõ à vèla, e se partiraõ do dito porto com vento em popa. E naõ eraõ bem fóra da Barra, quando lhe acalmou o vento com que partiraõ, e se lhe tornou taõ contrario, que por ser rijo, e com a corrente da marè, que começava a vazar, os levou a travèz, de maneira que foraõ com a Nao dar em hum baixo, que está na boca da Barra, onde esteve quatro marès muy perto de se perder, se os mares foraõ mais grossos. E por lhe acodirem com presteza muitos bateis, e outras embarçaõens, se salvou toda a gente, e a mayor parte da fazenda, que era muita. E nem assim descarregada pode sahir do baixo em que estava; pelo que lhe cortaraõ os mastros, e com estes beneficios nadou, e sahio dos baixos. Tornandoa ao porto da Villa foy vista por Officiaes para saber se estava boa para fazer viagem, e por acharem que a Nao naõ recebèra dano, que lhe fosse inconveniente para navegar, se tornou a concertar de novo, e a carregar. E vendo muitas pessoas amigas de Jorge de Albuquerque, que elle se queria tornar a embarcar na mesma Nao, lhe foraõ à maõ, e lhe quizeraõ persuadir com palavras, que se naõ embarcasse em Nao taõ infelice no principio de sua viagem, porque naõ podiaõ deixar de lhe socer

der muitas desaventuras no discurso della, segundo os mãos principios que tivera. E corria isto por pratica entre todos os moradores da Villa, dizerem a seus amigos, que se guardassem de fazer viagem em Nao que prometia mil infortunios em seu caminho. E sem embargo de tudo isto não crendo elle Jorge de Albuquerque, nem os da sua companhia o que lhe pronosticavaõ, antes confiando na misericordia de Nosso Senhor, e não temendo juizos da gente vaõs, e sem fundamento, se tornou a embarcar na Nao com todos os de sua companhia, e se partio da Villa de Olinda sexta feira vinte e nove de Junho dia de S. Pedro e S. Paulo do mesmo anno de 1565.

Do dia que partimos do porto a cinco dias, que foraõ dous de Julho, vindo com o mesmo vento de viagem com que partimos, subitamente se mudou, e ventandonos o contrario do que aviamos mister, veyo a ser taõ rijo, que por a Nao vir muito sobrecarregada, e não poder aguardar bem a vèla, nos foy forçado com escaçarmos a alijar muita fazenda ao mar; esperando que com isto mareasse a Nao melhor. Mas tendo alijado o que parecia que fazia pejo à Nao, no mesmo dia à tarde nos deo hum tempo taõ rijo e forçoso, que a Nao abriu huma agoa muito grande, tanto que davamos seis mil zonchaduras à bomba entre noite e dia. E hindo com esta agoa aberta, aos seis de Julho nos achamos na altura da Linha, e com os mares grossos. Fazendo viagem nos deo hum pè de vento que nos quebrou o Gorupès da Cevadeira. Parece que queria Nosso Senhor dar a

en-

Forge de Albuquerque Coelho. 13

entender aos que na Nao hiaõ, que naõ fossem por diante, pois em taõ poucos dias de viagem se lhes offerenciaõ tantos trabalhos. Visto por todos os da companhia, e Officiaes da Nao o Gorupès quebrado, e a muita agoa que a Nao fazia, se assentou que arribassemos às Antilhas, ao que o Piloto, e Mestre respondèraõ, que naõ podia ser, pelo tempo lhes ser contrario, e naõ lhes servir, e que com o tempo que levavamos era impossivel arribar às Antilhas, nem ao porto donde partiramos. Com esta reposta algum tanto desconfolados, pelo trabalho em que hiamos, seguimos nossa derròta, e viagem, porque naõ podiamos al fazer. E sendo na altura de doze grãos da banda do Norte, nos acalmou o vento, que athè alli trouxeramos, e andamos dezanove dias em calmarias com muitas trovoadas: e como tivemos tempo determinamos hir demandar a Ilha de Cabo Verde, em cuja altura estavamos, para tomarmos a muita agoa que faziamos, e fazermos o mastro da Cevadeira, que traziamos quebrado. E sendo com a Ilha, quasi à vista della, nos apparecèraõ ao mar huma Nao, e huma Zabra de Francezes a vinte e nove de Julho, dia de Santa Martha: e havendo os Francezes vista da Nao, a seguiraõ athè às tres horas da noite, em que se puzeraõ à falla comnosco, dizendo que nos dessemos: e entendendo dos nossos, que se aparelhavaõ para pelejar e defenderse, naõ nos ouzàraõ acometter logo com a grande escuridaõ da noite, e se deixàraõ andar na nossa esteira, para pela manhãa nos abalroarem. E ao outro dia, que foraõ trinta de Julho,

an-

antemanhã nos deo huma trovoada tamanha, que lhes foy forçado apartarem-se huns dos outros, sem se verem pela cerração que fazia. E ao derradeiro de Julho querendo demandar a Ilha, nos deo o vento por riba da terra taõ rijo, que nos foy forçado fazer nossa viagem por não poder tomar a Ilha, hindo arriscados a muito perigo, pela muita agoa que faziamos. E com este tempo corremos athè nos pôr na altura de trinta e sete grãos, e muito perto da Terra Nova, por a Nao abater muito com o tempo que traziamos. E nesta altura trinta e sete grãos, andamos outo dias em calmarias, no fim dos quaes, dia da Degolação do Bemaventurado S. Joaõ Baptista, a vinte e nove de Agosto nos ventou vento largo, e prospero, com que determinámos vir demandar as Ilhas, para concertarmos a Nao, e tomarmos a muita agoa que faziamos, que além da que traziamos, se nos abrira outra, a qual junta era tanta, que de noite e de dia continuamente davamos à bomba. Faltava já neste tempo a agoa, e mantimento na Nao, e padeciaõ-se muitas necessidades de fome e sede; e sabendo Jorge de Albuquerque a necessidade em que vinhamos, e que não havia na Nao mais mantimento, que o que elle trazia para si, e para seos criados, mandou trazer diante de todos todo o seo mantimento, e o repartio pela companhia irmãamente, sem querer nada por elle, posto que todos lho queriaõ pagar por valer muito, e elle não quiz por elle couza alguma, com o que ficaraõ contentes todos, e se consoláraõ, e sustentaraõ por espaço de alguns dias.

dias. Mas o demonio, que não soffre ver ninguem contente, semeou entre os Marinheiros e passageiros que vinhaõ na dita Nao, brigas e discórdias, com que se houveraõ de perder de todo: e quiz Nosso Senhor por sua piedade, que fosse sabedor disso Jorge de Albuquerque, para meter a maõ entre elles, como fez, e os apazigou, e poz em paz, com a qual sentiamos menos os trabalhos que passavamos.

Vindo com as necessidades, que tenho ditas, demandar as Ilhas, huma segunda feira, tres de Settembro, fazendose o Piloto com ellas, veyo ter conosco huma Nao de Cossarios Francezes, artilhada, e concertada como ellas andaõ: e por a nossa vir desarmada, e sem artilharia, como a mayor parte dellas, ou quasi todas andavaõ neste tempo, vendo o Piloto, e Mestre, e os mais da Nao, que não tinhaõ com que se defender, porque não traziamos mais artilharia, que hum só falcaõ, e hum berço, e as armas que Jorge de Albuquerque trazia para si, e para seos criados, determinaraõ de se render, e entregar aos Francezes. Ao que acodio Jorge de Albuquerque, dizendo, que nunca Deos quizesse, nem permitisse que a Nao, em que elle vinha, se rendesse sem pelejar, e se defender quanto possivel fosse; porisso que trabalhassem todos por fazer o que deviaõ, e o ajudassem a pelejar, e não se quizessem entregar como covardes e fracos, que se o elles, ou a mayor parte delles ajudassem a pelejar, que com ajuda de Nosso Senhor, sómente com o berço e falcaõ que tinhaõ, esperava de se defender. E

para isso lhe fez huma falla, qual o tempo soffria, persuadindo-os ao ajudarem, com palavras de muito esforço. Mas como a Nao vinha taõ desapercebida de armas, e os mais que nella vinhaõ, fossem taõ fracos de coraçãõ, naõ achou Jorge de Albuquerque quem o quizesse ajudar a defender a Nao; mais que sete homens, que para isso se lhe offerecêraõ. E assim com estes sómente, contra o parecer de todos os mais, se poz às bombardadas, arcabuziadas, e frechadas com os Francezes. Durou esta briga perto de tres dias, sem nelles ousarem os Francezes a nos abalroarem, pela brava resistencia que achavaõ na Nao, posto que os que pelejavaõ eraõ poucos, e a Nao naõ trazia mais que hum berço, e hum falcaõ, que Jorge de Albuquerque carregava, e borneava, e lhe punha o fogo, por naõ vir na Nao Bombardeiro, nem quem o soubesse fazer melhor, que elle. E vendo o Piloto, Mestre e Marinheiros, que havia perto de tres dias que andavaõ neste trabalho, e que a nossa Nao, e gente tinha recebido muito danno da artilharia, e arcabuzaria dos Francezes, e que nos hia faltando a polvora, requerêraõ a Jorge de Albuquerque, e aos que o ajudavaõ, da parte de Deos, e d'ElRey, que se dessem, e consentissem renderse, pois naõ se podiaõ defender, e naõ quizessem ser causa de os matarem a todos, ou de os meterem no fundo. Os que pelejavaõ responderãõ, que se naõ haviaõ de render em quanto tivessem forças para pelear. E vendo elles sua determinaçãõ (parece que estavaõ aconselhados todos) mandãraõ dar subitamente com as vèlas em-

embaixo, e começaraõ a bradar pelos Francezes, que entrassem à Nao, que já se lhe rendiaõ. Vendo Jorge de Albuquerque, e os companheiros que o ajudavaõ, hum caso taõ subito, e naõ esperado, quizeraõ matar o Piloto, e o Mestre, por fazerem tamanho desatino, e fraqueza; mas o tempo e estado em que se viaõ os desviou disso, porque logo na mesma hora, que amainaraõ (que era huma quarta feira sinco de Settembro) nos entraraõ pela quadra dezafete Francezes armados de armas brancas, com suas espadas, e broqueis, e pistoletes, e alguns delles com alabardas: os quaes, sem se lhe poder estorvar, se senhorearaõ da Nao, e vendoa da maneira que vinha, perguntaraõ com que artelharia e muniçoens se tinhaõ defendido delles tantos dias, e quantos eraõ os que pelejavaõ? E vendo que na Nao naõ havia mais que o berço, e falcaõ, que està dito, ficaraõ muito espantados, e muito mais quando lhe disseraõ quaõ poucos eraõ os que pelejavaõ. E sendo dito ao Capitaõ Francez, que Jorge de Albuquerque fora o que os fizera defender a Nao todo aquelle tempo; o que os nossos disseraõ e fizeraõ por carregarem nelle só toda a culpa: e chegando-se o Capitaõ Francez para Jorge de Albuquerque com rosto soberbo e malenconico lhe disse: Que coraçãõ taõ temerario he o teo, que quizeste provar a defender esta Nao com taõ poucos petrechos de guerra, contra a nossa taõ armada, e que traz settenta arcabuzeiros? Ao que Jorge de Albuquerque respondeo com huma segurança muy grande: Nisso podes

ver quaõ moſino fuy em me embarcar em Nao taõ defapercebida. que ſe viera concertada, e aparelhada como compria, ou que trouxera o que a tua traz de ſobejo, bem creyo que tiveramos tu e eu differentiffimos estados dos em que estamos; mas a meos peccados ponho a culpa, pois por elles permittio Noſſo Senhor que me embarcaſſe em Nao taõ defapercebida e defarmada como eſta, que ves, para me poder ver como me vejo; e tambem pòdes agradecer a boa ventura, que contra mim tiveſte, à treidoice de meos companheiros, Piloto, Meſtre, e Marinheiros, que contra mim foraõ, que ſe elles me ajudàraõ como eſtes Soldados amigos; e bons companheiros que me ajudàraõ, nem tu eſtiveras neſta Nao como vencedor, nem eu como vencido. Vendo o Capitaõ Francez a muita ſegurança e confiança com que Jorge de Albuquerque fallava, lhe diſſe: Naõ me eſpanta o teo eſforço, que iſſo tem todo o bom Soldado, mas eſpantame quererſe defender huma Nao taõ defapercebida, como eſta, com taõ poucos aparelhos, e menos companheiros; mas naõ te deſconſoles, que iſto he fortuna de guerra, que favorece hoje a huns, e à manhãa a outros; e por quaõ bom ſoldado, que es, eu te farey muito boa companhia, e aos que te ajudàraõ a pelear, que tudo iſto ſe deve a quem faz o que deve, e cumpre a obrigação de ſua peſſoa. A Nao dos Francezes, que abordou comnoſco, trazia perto de outenta homens, entre os quaes vinhaõ muitos Ingrezes, e Eſcocezes, e alguns Portuguezes, e vinha a mais petrechada Nao de guerra que

Jorge de Albuquerque Coelho. 19

que podia fer; porque vinhaõ quasi todos armados de armas brancas, e alguns delles com armas grévadas, e espadas, adagas, burqueis, alabardas, e pistoletes para o abalroar, e arcabuz para pelejar, e cada hum trazia estas armas na sua estancia para lançar maõ de qualquer dellas quando fosse necessario confôrme ao tempo: e vinhaõ cerrados, e empavezados de popa a proa com sua Xareta falsa, e as Gâveas cerradas, e concertadas muito bem, e taõ ensevados, e limpos do costado, que parecia a Nao andar cayada, e que aquelle era o primeiro dia que sahiraõ fóra, havendo muitos mezes que andavaõ no mar, e tendo roubado já outros Navios.

Vendose os Francezes senhores da nossa Nao, que importava muito o que trazia, começaraõ a caminhar para sua terra, e logo ao outro dia, que foraõ seis do mez de Settembro, houvemos vista das Ilhas do Fayal, e Pico, e Graciosa. E passámos ao longo della, e os Francezes nos quizeraõ botar em terra a todos, e hirse com a Nao, e naõ no fizeraõ por nos começar a ventar muito rijo, e o mar andar alvoroçado. Por estes inconvenientes seguiraõ sua viagem em popa, navegando ao Nordêste com determinação de nos levarem consigo à sua terra na mesma nossa Nao, com que folgavaõ por ser nova. E o Capitaõ Francez com os seus que nella hiaõ, temendose de Jorge de Albuquerque, o fechavaõ de noite com dous ou tres Soldados de sua companhia, dos que o ajudaraõ a pelejar, em huma camera, e de dia lhes fazia bom tratamento; tanto que naõ queria comer, sem

primeiro vir Jorge de Albuquerque, a quem fazia assentar na cabeceira da meza. E pedindolhe hum dia que benzeisse a meza ao costume dos Portuguezes, elle o fez, fazendo o Sinal da Cruz sobre o que estava na meza. Alguns dos Francezes que a ella estavaõ, o reprehendèraõ por fazer o Sinal da Cruz: ao que elle respondeo, que com aquelle Sinal da Cruz se havia de abraçar em quanto vivesse, e nelle esperava de se salvar de todos seos inimigos, e com elle se havia de armar, naõ huma, mas muitas vezes. E benzendose outra vez, arremettèraõ com muita malenconia contra elle, e se naõ fora o Capitaõ, e outros dous Francezes nobres, que com elle estavaõ, correrà muito risco matarem-no, ou botarem-no ao mar. Entendendo Jorge de Albuquerque, que eraõ Lutheranos, pedio ao Capitaõ licença para naõ hir comer mais com elles, e poder comer em sua camera o que lhe dessem. E posto que o Capitaõ mostrou aggravarse disso, toda via lhe deo a licença que lhe pedia, e vinha elle algumas vezes comer com Jorge de Albuquerque. Neste tempo começaraõ os Francezes a publicarse por Lutheranos, tomando todas as contas e livros de rezar, que achàraõ aos nossos, e botando-os ao mar: e desejavaõ sobre isso tratar mal aos nossos, o naõ fizeraõ por intercessaõ de hum Portuguez que com elles vinha, conhecido de Jorge de Albuquerque, e que fizera já com elle huma viagem, e por meyo deste naõ fomos taõ avexados dos Francezes como se entendeo nelles que o queriaõ fazer. Vendo Jorge de Albuquerque, que os Francezes se

Farge de Albuquerque Coelho. 21

se determinavaõ a levarnos a França, descobrio aos Soldados que o ajudaraõ a pelear, que elle determinava levantar-se contra os Francezes, e matallos a todos, se o elles quizessem ajudar; e elles responderaõ, que o fizeraõ se elles tivessem alguma salvaçaõ nisso, mas que a Nao que tinhaõ lhes tolhia o tal acommettimento, por ser muito zorrreira, e aguardar mal a vèla, e ser roim de lème, e sobre tudo isto se hir ao fundo com a muita agoa que fazia, e a dos Francezes, que nos havia de seguir, corria mais com só o Traquete, que a nossa com todas as vèlas: e que por andarem sempre taõ juntas, que quasi hiaõ à falla, parecia impossivel fazerem-no a seo salvo. Ao que Jorge de Albuquerque respondeo com palavras de muito esforço, e esforçando-os, e dando-lhe razoens como era possivel fazerse o que tinha cuidado, dizendolhe que se elles matasem os dezafete Francezes, que estavaõ na Nao, com as mesmas armas delles se defenderiaõ da sua Nao, e que já tinhaõ estes dezafete menos contra si, os quaes por serem dos principaes haviaõ de fazer muita falta aos seus: e que com saberem os outros que estes eraõ mortos, haviaõ de descorçoar, e que nem sempre as Naos haviaõ de hir à falla: e que pois elles se defenderaõ dos Francezes com taõ poucas armas perto de tres dias, que muito melhor se defenderiaõ com terem mais, e taõ boas, como eraõ as dos mesmos inimigos: e tendo já dezafete menos, que tinhaõ menos que recear: por tanto, que se determinassem, que elle confiava na misericordia de Nosso Senhor, cujos inimigos

gos eraõ os Francezes, pois eraõ Herejes, e Lutheranos, que elle os havia de ajudar, e que não temessem, porque elle lhe daria ardil como lhe fosse muito facil matallos todos os dezasete, e muito depressa. E respondendolhe elles, que o ajudariaõ, lhe descubrio o ardil, que a todos pareceo muito bem. Jorge de Albuquerque lhe encomendou a todos muito o segredo, que cumpria ter em couza que importava não menos, que a vida de todos, e que estivessem prestes para lhe acudir quando fosse necessario. E assim hiaõ todos esperando que o tempo lhes dèsse occasiaõ para pôr em execuçaõ seo desenho. E nestes dias se poz a Nao em altura de quarenta e tres grãos.

Estando ambas estas Naos na altura que tenho dito, em huma quarta feira doze de Setembro lhes sobreveyo a mayor, e mais estranha e diabolica tormenta de vento Suèste, que athè hoje se vio, e pelo que fez se pòde julgar; porque acalmando-nos de subito o vento que traziamos, nos faltou ao Suèste, que começou a ventar de maneira, que todos tememos o perigo, que se nos aparelhava, por ver a furia e soberba com que começava a ventar. E com este temor começamos a usar dos remedios que em tal tempo se usa, alijando a fazenda ao mar por salvar as vidas: e assim alijamos tudo quanto se achou sobre a cuberta, e debaixo da ponte. E embravecendose o mar cada vez mais com o muito vento, que de continuo crescia, alijamos os mastarèos das Gãveas, e todas as caixas em que cada hum trazia o seo facto. E para que isto não fosse pezado a alguem, a pri-

Forge de Albuquerque Coelho. 23

primeira que se alijou foy a em que Jorge de Albuquerque trazia seos vestidos , e outras couzas de importancia. E vendo que tudo isto não bastava, e que cresciaõ os màres de maneira, que nos queriaõ cobrir, lançâmos ao mar a artelharia, que traziamos, e muitas caixas de assucar , e muitas facas de algodaõ.

Andando assim neste trabalho, nos deo hum mar por popa , que nos desmanchou o lème, de maneira, que dahi a muitos poucos dias ficou por popa, ficando a Nao de mar em travez, e querendo nòs endireitar, e fazer correr em popa, nenhum dos muitos remedios que lhe faziamos aproveitou nada. Vendose todos em taõ temeroso passo sem lème, com màres taõ grandes e grossos, começàraõ alguns, e quasi todos desmayar. E vendo Jorge de Albuquerque todos taõ trespassados, e com tanta razaõ, posto que elle sentia o que todos, e cada hum por si sentia, os começou a esforçar com muitas palavras, e animar a todos com dar ordem para se buscarem meyos com que a Nao governasse, e os de mais se puzessem de joelhos a pedir a Nosso Senhor, e a sua Mãy Santissima os livrasse de tamanho trabalho e perigo. Já a este tempo (que seriaõ nove horas do dia) a Nao dos Francezes não apparecia, e os que ficàraõ dentro na nossa Nao, vendo a tormenta que fazia, e o lème desmanchado, e a Nao atravessada, e o grande rumor da gente, andando taõ attonitos, que se lançavaõ no convèz, e se chegavaõ aos nossos amigamente, e lhes diziaõ: Já todos somos perdidos, nenhum de nòs pòde escapar, pois te-

mos a Nao sem lème, e o mar taõ bravo? E assim andavaõ cortados de medo, que faziaõ tudo o que mandavamos, como se elles foraõ os mesmos cativos, e roubados, e criados de todos. Ordenamos entaõ hum bolso de vèla para derredor dos castellos da proa, a ver se com isso queria a Nao governar, e tendo-o feito nos sobreveyo huma couza espantosa e nunca vista; porque sendo às dèz horas do dia, se escureceo o tempo de maneira, que parecia ser noite, e o mar com os grandes encontros, que humas ondas davaõ nas outras, parecia que dava claridade, por encher tudo de escumas. O mar, e o vento faziaõ tamanho estrondo, que quasi nos naõ ouviamos, nem entendiamos huns aos outros.

Neste comenos se levantou hum mar muito mais alto, que o outro primeiro, e se veyo direito à Nao, taõ negro e escuro por baixo, e taõ alvo por cima, que muito bem entendèraõ os que viraõ, que seria causa de em muito breve espaço vermos todos o fim de nossas vidas, o qual dando pela proa com hum borbotaõ de vento, cahio sobre a Nao de maneira que levou comsigo o mastro do Traquete com a vèla, e verga, e enxarcia: e assim levou o mastro da Cevadeira, e o beque, e os castellos de proa, e sinco homens que estavaõ dentro nelles, e tres ancoras que estavaõ arriçadas nos ditos castellos, duas de huma parte, e huma da outra, e juntamente com isto abateo a ponte, e a desfez de maneira, que matou hum Marinheiro que estava debaixo della, e fez o batel em quatro ou sinco pedaços, e abateo todas as pipas da agoa,

e

e assim todo o mais mantimento , que ainda ahi havia, e destroçou este mar a Nao de proa athè o mastro grande , de maneira , que a deixou raza com a agoa , e por espaço de meya hora esteve debaixo do mar , sem nella haver quem soubesse onde estava. E vendo-se todos em taõ grande perigo , ficàraõ assombrados, e fóra de si, temendo, e julgando ser esta a derradeira hora de vida, e com este temor se chegàraõ todos a hum Padre da Companhia de JESUS, por nome Alvaro de Lucena, que com elles vinha, e a elle se confessàraõ com as mais breves palavras que cada hum podia, porque o tempo naõ dava lugar para mais. E depois de confessados, e se pedirem perdaõ huns aos outros, se puzeraõ todos de joelhos pedindo a Nosso Senhor misericordia, tomando por intercessora , e advogada-a Sacratissima Virgem Nossa Senhora, Mãy do Filho de Deos, Senhora da Luz, e Guadalupe. O mar , e o vento cresciaõ cada vez mais, e andava tudo taõ temeroso, com os fuzis e relampagos que faziaõ, que parecia fundirse o mundo. Vendo Jorge de Albuquerque o miseravel estado, em que elle e seus companheiros estavaõ , tirando esforço da fraqueza (em que o tinha posto a desconholaçaõ de ver seus amigos, e a si como se via) começou em altas vozes aos esforçar , dizendo: De muitos mayores trabalhos (companheiros e amigos meos) fomos merecedores os que aqui estamos, dos em que nos vemos, porque se segundo nossas culpas houveramos de ser castigados, já o mar nos tivera comido; mas confiemos todos na misericordia da-

quelle Senhor cuja piedade he infinita, que por quem he se compadecerà de nòs, e nos livrará d'elle trabalho. Ajudemonos das armas necessarias para este lugar, que saõ arependimento de coração das culpas passadas, protestando de não cahir em outras, e com isso tim e fé, e esperança na bondade de quem nos creou, e remio com seu precioso sangue, que usará conosco de sua misericordia, não olhando a nossos demeritos, porque tudo cabe nelle por quao pôderoso e misericordioso he: lembrenos que nunca ninguem pedio a Deos misericordia com pureza de coração, que lhe fosse negada: por tanto todos lha peçamos, e façamos de nossa parte o remedio possivel, huns dando à bomba, outros esgotando a agoa que está no convès, e debaixo da ponte, e em quanto temos vida trabalhemos pela conservar, que Nosso Senhor suprirà por sua grande misericordia e bondade a falta de nossas mãos. E quando elle outra couza dispuzer de nòs, cada hum o tome com paciencia, pois elle só sabe o que nos he melhor. Com estas palavras, e outras muitas mais, que lhes disse, foraõ logo huns dar à bomba, e outros a esgotar a agoa debaixo, e de cima. Os Francezes, que ficaraõ dentro na nossa Nao (porque a sua logo no principio da tormenta desappareceo) vendose neste trabalho, se puzeraõ de joelhos com as mãos alevantadas a chamar por Deos, o que athè entã não tinhaõ feito, e pediaõ perdão aos nossos Portuguezes, dizendo, que por seus peccados viera aquella tormenta, que rogafsemos a Deos por elles, que já se davaõ por mortos,

Jorge de Albuquerque Coelho. 27

tos, pois a Nao estava da maneira que todos viaõ.

Estando huns dando à bomba, e outros esgotando a agoa, e os que naõ faziaõ outra couza, em joelhos pedindo a Nosso Senhor lhes valesse em taõ grande trabalho, lhes deo outro terceiro mar grandissimo pela quadra, com hum borbotaõ de vento, que lhes levou o mastro grande, vergas, vèlas, enxarcea, e camaròtes, e alguma obra de popa, e juntamente o mastro da mezena, e levou hum Francez dos principaes, e os nossos que estavaõ dando à bomba, espalhou pelo convès, quebrando a huns braços, e a outros pernas, e a Jorge de Albuquerque tratou de maneira, que andou aleijado da maõ direita perto de hum anno. E a hum feo criado, por nome Antonio Moreira, quebrou hum braço, de que morreo dahi a poucos dias, e aos mais que com elle estavaõ cobrio o mar por tanto espaço, que se tiveraõ por afogados todos os que estavaõ no convès. Este mar meteo tanta agoa dentro, por estar já a ponte abatida, que ficou a Nao morta, e debaixo d'agoa, por hum grande espaço, e era a agoa tanta no convès, e na tolda, que quasi dava pelos joelhos. E mandando Jorge de Albuquerque ver debaixo da cuberta, que agoa fazia a Nao, achàraõ, que lhe naõ faltava mais que tres palmos para se acabar de encher de todo, e chegar arriba. Vendo-se tolos taõ cercados de trabalhos, e que cada vez cresciaõ mais, cresciaõ tambem suas lastimosas vozes, pedindo a Nosso Senhor misericordia com a desconsolação que lhes causava a certeza da morte que viaõ presente. Jorge de Albuquerque

que vendote a si e a seos companheiros no ultimo da vida, e taõ defamparados de remedios, e forças, e consolaçoens, e vendo alguns taõ fracos de coraçã se poz entre elles, dizendo-lhes: Amigos, e limacs meos, muita razaõ tendes para sentir e temer muito o trabalho e perigo em que todos estamos, pois vedes, que os remedios humanos nos não pòdem valer: mas isso he o que nos ha de dar muito mais motivo a confiardes na misericordia de Nosso Senhor, com que elle costuma soccorrer aos que de todo desconfiã de outro remedio humano: por tanto vos rogo muito a todos, que confiando nelle, como devemos a Christaõs que somos, lhe peçamos que da sua mã nos dè ajuda, pois de toda outra estamos defamparados. De mim vos affirmo, que espero na sua bondade, que nos ha de livrar do perigo em que estamos, e que me hei de ver em terra ainda aonde hey de contar isto muitas vezes, para que o mundo saiba a misericordia, que Nosso Senhor usou conosco.

Estando-lhes dizendo isto viraõ todos hum resplandor grande no meyo da grandissima escuridaõ com que vinhaõ, a que todos se puzeraõ de joelhos, dizendo em altas vozes: *Bom JESUS valeinos, Bom JESUS havey misericordia de nõs, Virgem Madre de Deos rogay por nõs.* E cada hum com as mais devotas palavras que sabia e podia encomendava a si e a seos companheiros à Virgem Nossa Senhora advogada de peccadores. O mar andava taõ terrivel e medonho, que creyo que nunca se vio taõ espantoso: os mãres, que
da-

Jorge de Albuquerque Coelho. 29

davaõ na Nao eraõ taõ grossos que a abriaõ toda, e metiaõ tanta area dentro, que era couza espantosa, e as pessoas, em que os màres alcançavaõ, as enchiaõ todas de area, de maneira, que quasi os cegava, e naõ se podiaõ ver huns aos outros, pelo que suspeitavaõ estar em alguns baixos, ou restingas de area, porque parecia impossivel meterem os màres tanta area dentro na Nao, fenaõ com ser o fundo baixo; sem embargo, que era tal a tormenta, que bem se podia crer que do profundo do mar podia levantar a grande copia de area que nos metia dentro na Nao. Ao redor da Nao remoinhava o vento com tanto impeto, que naõ ousava nenhum a andar por cima della, fenaõ Jorge de Albuquerque, e o Mestre, e duas ou tres pessoas, que estavaõ esperando com o Signal da Cruz os màres que davaõ na Nao, que pareciaõ que a queriaõ abrir: e isto com tantos relampagos, que pareciaõ que andavaõ alli os demonios do inferno. A estes trabalhos nos sobreveyo outro mayor, e naõ esperado, nem cuidado, e que muito nos attribulou, e foy que o mastro grande depois que a tormenta o quebrou e levou, ficou prezo pelo calcès, com a enxarcea de gila-vento, e ficando prezo se passou por debaixo da Nao à banda de balravento, e com qualquer mar que vinha, dava tamanho encontro na Nao com o vay-vem, que parecia meter o castello para dentro. Vendo todos estes encontros nos dêmos por perdidos de todo, sentindo cada pancada que o mastro dava na Nao, como se a dera em cada hum de nòs, e com cada trabalho, que de novo sobre-
vinha,

vinha , alevantavamos todos as vozes , pedindo a Deos misericordia , e que nos livrasse daquelle perigo em que nos punha o nosso proprio mastro. Prouve àquella infinita bondade , que vierão huns màres , que o apartaraõ da Nao , e ficãmos livres daquelle nao esperado trabalho. Julgue cada hum que isto ler , quaes podiaõ estar homens que se neste estado viaõ , cercados de tantas miserias , e trabalhos , em os quaes nenhum outro allivio recebiamõ , senãõ com as lagrimas e gemidos com que pediaõ a Nosso Senhor , que se lembrasse delles , naõ lhes lembrando comer , nem beber , havendo tres dias que o naõ fizeraõ , porque tanto havia que vinhao com a tormenta , ainda que o mais fórte della duraria nove horas , mas todos os tres dias andavamos quasi debaixo da agoa , dando à bomba de noite e de dia , vendo sempre a morte diante , e esperando por ella cada hora. E por mais certa a tivemos quando no cabo de tres dias nos achãmos sem ter lême , nem mastro , nem vèlas , nem vergas , nem enxarceas , nem amarras , nem ancoras , nem batel , e sem nenhuma agoa , nem mantimento , sendo com todos os Francezes perto de sincoenta e tantas pessoas , e com a Nao aberta por muitas partes , de maneira que se hia ao fundo , estando de terra duzentas e quarenta legoas. Foy tamanha esta tormenta que dandonos em altura de quarenta e tres grãos da banda do Norte , nos poz em quarenta e sete grãos , sem mastros , nem vèlas. Huma couza pôsso afirmar , que o pouco que se aqui escreve , he taõ differente do muito que passãmos , como do vivo ao pintado.

Jorge de Albuquerque Coeibo. 31

No cabo de tres dias que a tormenta durou, começando o tempo a abonçar, ordenamos hum mastro para proa, que tiramos dos pedaços da ponte, que o mar abateo, o qual seria de duas ou tres braças em comprido, e de tres remos do bachel, que escaparaõ, fizemos verga, e de huma vèlazinha de contra (que esta só escapou) fizemos hum modo de Traquete, e de alguns pedaços de còrdas enxeridos huns nos outros, fizemos enxarcea. Estando tudo isto aparelhado, por a Nao ser grande, e a vèla muito pequena, parecia escarneo querermos navegar com ella. Neste tempo, por naõ haver mantimento, e os nossos estarem lastimados dos Francezes, se quizerãõ levantar contra elles: e sendo Jorge de Albuquerque sabedor disso, os chamou a todos, e desviou do tal proposito, dando-lhes razoens para isso, e a principal era, que depois de Deos, nenhum outro remedio sentia para sua salvaçaõ, senãõ a Nao dos Francezes, para nella se salvarem, porque se ella escapara da tormenta, forçadamente os havia de vir demandar, por razaõ dos Francezes que conosco hiaõ, e vindonos buscar, naõ os achando vivos, nos matariaõ a todos. E assim lhes lembrou, que naõ tinhaõ agoa, nem vinho, nem mantimento, senãõ o que esperavaõ, que os Francezes lhes dessem; e que quando a Nao Franceza naõ apparecesse em quatro ou cinco dias, entãõ fizessem o que quizessem, que elle seria o primeiro que dèsse nelles. Estando nestas razoens, appareceo a Nao Franceza, e tanto que a vimos lhe começamos a fazer muitos fògos, e ella acodio a

nos

nòs logo hum Sabbado , que foraõ quinze do dito mez de Settembro, tambem muito desbaratada, mas naõ destrocada como a nossa. E vendonos da maneira que escapàramos, ficàraõ espantados. E sabendo que os nossos se quizerãõ levantar contra os Francezes , e que Jorge de Albuquerque lho estorvãra, lho agradecerãõ muito, e lhe disserãõ, que se se quizesse hir com elles, que o levariaõ de muito boa vontade, a elle, e a tres pessoas que nomeasse, e que o lançariaõ na primeira terra que tomassem, se nella quizesse ficar. Elle lho agradeceo , mas que muito mais lhe agradeceria, se os quizesse levar todos; que elle só naõ havia de hir, porque naõ era elle homem, que defamparasse sua companhia em tal tempo; que o que Nosso Senhor tivesse determinado fazer de seos companheiros, faria delle tambem, e q̃ em nome de todos lhes tornava a pedir, os quizessem levar consigo, e os botassem na primeira terra que tomassem. Respondèraõ os Francezes, que naõ podiaõ, que a elle, e a tres companheiros levariaõ; o que Jorge de Albuquerque naõ quiz aceitar, dizendo que já que assim era, antes queria passar trabalhos entre os seos companheiros Christaõs, que escapar delles em companhia de Lutheranos inimigos de Deos, e herejes.

Ao segundo dia , que os Francezes chegãraõ a nòs, abonçou o tempo, e sem haver dô, nem piedade de nosso destroço, começãraõ com grande pressa a descarregar a nossa Nao de muitas mercadorias que traziamos, que escapãraõ da tormenta , ou do alijar que nella fizemos, e sobre
rou-

roubarem a Nao , nao contentes com isso , começaram a despir alguns dos nossos desses fatos que sobre si tinhaõ , de maneira , que tudo o que a tormenta nos deixou , nos levãraõ os Francezes. Alguns dos Francezes mais humanos , em quanto outros faziaõ o que tenho dito , andavaõ curando os nossos doentes , de que havia muitos , do trabalho passado , e lhes davaõ de comer , o que os nossos faziaõ com sobeja alegria , por haver muitos dias que não comiaõ , e estavaõ fracos , pela continuaçaõ do trabalho da tormenta. Tendo roubada a Nao , se partiraõ de nós sem piedade alguma a huma segunda feira dezasete de Setembro , e pedindo-lhes nós com muita instancia , que nos levassem , e nos deitassem na primeira terra que tomassem , não fómente o nao quizeraõ fazer , mas nem nos quizeraõ prover de couzas que levavaõ de sobejo , muito necessãrias para nosso remedio , como eraõ enxarceas , vèlas , antenas , e se foraõ , esperando que em breve espaço se fosse a Nao ao fundo , ou que à fóme pereceriamos. E sendo muito importunados de nós , lembrando-lhes o desamparo em que nos deixavaõ , nos derãõ dous facos de biscoito , taõ esmaltado de verde , preto , e amarello , por ser podre e bolorento , que ainda com a muita fóme que padeciamos , não havia quem o pudesse comer , porque amargava como fel. E assim nos deixãraõ huma pouca de cerveja mais fórtre que vinagre , que muito poucos dos nossos a não ouzavaõ beber.

Vendo-nos desapressados dos Francezes , e que já eraõ de todo hidos , e como ficavamos cer-

cados de tantas miserias, necessidades, e perigos, começamos todos de novo a encomendarnos ao Bom JESUS, e à Virgem Nossa Senhora Madre de Deos, Senhora da Luz, e de Guadalupe, e a todos os Santos, e Santas, que nos ajudassem e fossem nossos intercessores: e com muita devoção, tal qual o passo da necessidade presente requeria, puzemonos entao de joelhos a rezar o Psalmo *Miserere mei Deus*, com as Ladainhas. E acabado isto mandou Jorge de Albuquerque buscar todo o mantimento que na Nao houvesse, e nella se nao achou agoa, nem vinho, nem mantimento, mais que obra de duas canadas de vinho em huma botija somente, e huma redoma de vidro com obra de huma canada de agoa de flor, e huns poucos de cocos, e huns muito poucos punhados de farinha de pao, e cinco ou seis tassalhos de carne, e de peixe Cavallo. Tendo tudo isto junto, com que ja disse que os Franceses nos deixarao, parecia impossivel bastar aquelle mantimento tres dias para perto de quarenta pessoas que eramos. Com tudo guardouse para se dar e repartir por todos irmaamente athè se acabar, e Nosso Senhor nos acodir com sua misericordia a esta necessidade, e às mais que padeciamos. O mantimento repartia Jorge de Albuquerque por sua maõ com todos, dando a cada hum mayor quinhaõ do que tomava para si, couza que a todos nos fazia espantar, ver quaõ pouco comia, e quanto trabalhava de noite e de dia: e entendia-se nelle que mais sentia as necessidades de seus companheiros, assim doentes, como saõs, que

Jorge de Albuquerque Coelho. 35

que as proprias de sua pessoa , por não ter possibilidade para as remediar , como elles haviaõ mister , e elle dezejava.

Odia que nos deo a tormenta, mandou Jorge de Albuquerque por conselho de alguns companheiros lançar no mar huma Cruz de ouro , em que trazia huma particula do Santo Lenho da Vera Cruz , e outras muitas Reliquias , amarrando a dita Cruz com hum cordaõ de retroz verde a huma corda muito fórte , com hum prègo grande por chumbada , e o cabo e ponta desta corda atàraõ à popa da Nao , e despois de passar a tormenta lembrouse Jorge de Albuquerque do seo Relicario , e chegou à popa da Nao a ver se via a corda em que amarràra a Cruz de ouro , e vendoã estar embrulhada em huns prègos , rogou e pediu muito a Affonso Luis Piloto, que vinha por passageiro , que se quizesse embalesar em huma corda , e fosse desembaraçar aquella em que estava atado o Relicario. E Affonso Luis o fez assim ; e tendo desembaraçada a corda , disse , que aláfsem por ella os de cima , e alando por ella hum homem por nome Daniel Damil , acabando de recolher a corda toda dentro na Nao cahio a Cruz na cuberta da tolda toda desamarrada e solta , envolta em hum pequeno de algodaõ. Vendo todos este milagre , ficàraõ espantados , e deraõ muitas graças a Nosso Senhor por nos consolar e esforçar com hum milagre tamanho , no qual parece que nos queria moltrar , que nos havia de livrar milagrosamente de tamanhõ naufragio , assim como livràra de tamanha tormenta aquella Cruz de

Reliquias : a qual , estava amarrada à corda com o cordão de seda , a este mesmo cordão estava metido por huma argola da mesma Cruz ; e como se ella desatou , e se teve , e veio arriba , Nosso Senhor o sabe ; basta que em metendo a corda , e prègo dentro na Nao , cahio a mesma Cruz entre muitos dos nossos desamarrada , e com a argola quebrada , e o cordão de seda amarrado na mesma corda , quasi da maneira que o lançaraõ. Fazendo os nossos grandes extremos de alegria por tamanho milagre , os Francezes que estavam na Nao se ajuntaraõ muitos a ver o de que os nossos folgavaõ tanto , e beijando todos os nossos as Reliquias com muita devoçaõ diante dos Francezes , parece que permitio Nosso Senhor que as naõ vissem elles , porque por sem duvida tenho que se as viraõ as tomaraõ por terem ouro , de que elles saõ taõ cobiçòsos. E naõ íómente as naõ viraõ entaõ , mas nem outros dias , que as Jorge de Albuquerque trouxe consigo , porque apalpando-o muitas vezes , para ver se trazia alguma couza escondida , nunca lhas acháraõ ; pelo que se devem dar muitos louvores a Nosso Senhor por este milagre , e pelos mais que fez por nòs outros todos que neste naufragio nos achamos. Naõ deixamos de notar entre os que eramos , que por ventura quiz Nosso Senhor fazernos esta mercê pelo Lenho da Santa Cruz , e pelo Sinal della , que Jorge de Albuquerque fez na meza dos Francezes , pelo qual Sinal que fez o quizeraõ matar , ou lançar no mar. Parece que permitio Nosso Senhor , que esta Cruz com o Santo Lenho , e Reliquias

liquias que nella estavaõ, se naõ perdessem, e tornassem à maõ do dito Jorge de Albuquerque, visto offerecer-se à morte por amor deste Santo Signal da Cruz, de que sempre em toda a viagem se mostrou muito devoto, e nos dizia algumas vezes, que desde menino o fora sempre muito, e que lhe vinha esta devoçaõ por herança, porque em todos os quatro escudos de armas que lhe pertenciaõ por parte de dous Avõs donde descende, todos tinhaõ Cruz, como saõ as Armas dos Albuquerque, Coelhos, de que elle descende, Pereiras, e Bulhoens.

Depois de termos junto todo o mantimento, que se na Nao achou; no mesmo dia que os Francezes se apartaraõ de nõs, logo ao outro dia deo Jorge de Albuquerque ordem com que se fizesse huma vèla de alguns guardanapos e toalhas de meza, que se acharaõ na Nao, os quaes mandou que se ajuntassem a huma velinha do Esquife dos Francezes que nos ficou, e de dous remos do batel fizemos huma verga, e sobre o pè do mastro grande puzemos hum pedaço de pào de duas braças em alto, e de huns pedaços de enxarcea, que ficaraõ, e de cordas de rede e murroens fizemos enxarcea por naõ haver na Nao outra couza de que se pudesse fazer, porque a tormenta tinha levado tudo, enxarcea, cabos, amarras, ancoras, batel, e tudo o mais de que nos podiamos aproveitar. O lème andava dependurado por hum só ferro que lhe ficou, e lançamoslhe humas cordas como bragueiros para que nos pudesse assim servir dous ou tres dias. E com isto seguimos nossa
via-

viagem , tomando a Nossa Senhora Madre de Deos por Guia , vendo e atinando ao nascimento do Sol , por não trazermos Astrolabio que prestasse , nem instrumento de marear , de que nos pudessêmos servir , porque tudo nos levãraõ os Francezes : e huma Agulha de marear que traziamos , era taõ quebrada , e tal , que desemperava muitas vezes. Estariamos neste estado do Cabo de *Finis terra* duzentas e trinta e seis legoas , em altura de quarenta e cinco grãos da banda do Norte , porque o mais tinhamos desandado com o Noroeste , que athè entãõ nos ventãra. O trabalho que tinhamos em dar à bomba de dia , e de noite , nos enfraquecia de maneira , que muitos de cançados de darem à bomba , cahiaõ no convès sem terem vista nos olhos , com pura fome , e muito trabalho. Continuando todos este trabalho rogou Jorge de Albuquerque a hum Marinheiro grande mergulhador , por nome Domingos da Guarda , que se lançasse ao mar , e visse se podia de mergulho tomar parte da muita agoa que fazia a Nao , visto não se poder tomar por dentro , por ser muito embaixo nas picas de proa e popa , e termos já cortado muitos liames de picas de proa para a podermos tomar : e lhe prometteo , que se tomasse a principal agoa , além de nisso salvar sua vida , e a de todos seos companheiros , elle lho pagaria muito bem. Foy couza espantõsa , e muito para louvar a Nosso Senhor , porque neste dia , que era vinte e tres do mez de Settembro , esteve o mar taõ manso como se fora rio. E em se querendo o Marinheiro lançar ao mar , nos puzemos

Jorge de Albuquerque Coelho. 39

todos os da Nao de joelhos pedindo misericordia e ajuda a Nosso Senhor , que nos livrasse daquelle trabalho em que nos viamos , como era hirmonos ao fundo , com darmos à bomba de noite e de dia. Permittio Nosso Senhor , por quem elle he , apiedarse de nós , e ouvirnos , porque de tres vezes que o Marinheiro mergulhou , tomou a mayor parte da agoa que a Nao fazia , couza com que grandemente nos alegrâmos e consolâmos , por vermos que poderiamos ter mais algum refrigerio e descanso do trabalho de dar à bomba. O Marinheiro veyo muito contente arriba , e de todos foy abraçado com muita alegria por ver quaõ bem o fizera : e Jorge de Albuquerque lhe cumprio muito bem o que lhe prometteo , com lhe dar couzas com que elle ficou muito satisfeito. Tomada esta agoa , logo ao outro dia , que foy vinte e quatro de Settembro, nos tornou a ventar o vento Noroeste taõ rijo com tamanhos màres , e frio , que nos não podiamos valer , nem nos podiamos ter dentro na Nao com os grandes balanços que dava : as cadeas das mezas de guarniçaõ por andarem soltas , faziaõ tamanha matinada , que pareciaõ huma espantosa ferraria , tanto , que quasi nos não podiamos ouvir huns aos outros : os màres começaraõ a empolar de maneira que passavaõ por cima da Nao , a qual por vir destrocada nos enchia de agoa : o mantimento por ser pouco se nos gastou em poucos dias pela gente ser muita , por mais regra que nelle se pôs. Chegou a regra a ser taõ estreita , que tres cocos se repartiaõ no dia por perto de quarenta pessoas que havia,

via, dando a cada hum de quinhaõ tamanho como hum tostaõ pouco mais ou menos, e da cerveja, que era mais fórte que vinagre, se dava duas vezes ao dia quanto pudesse molhar o padar, e o que se dava era couza que não bastava para hum trago, e àlem diſſo era taõ fórte, que muitos a não queriaõ beber. Assim hiamos seguindo noſſa viagem para onde o mar e vento nos queriaõ levar, gaitando todo o tempo em oraçoens, e em dar à bomba. Jorge de Albuquerque sobre todos eſtes trabalhos, a que ajudava irmãmente, tinha mais o conſolar e animar ſeos companheiros, que taõ quebrantados andavaõ das forças corporacs, e do espirito: e já não tinha com que os conſolar, ſenaõ com lhe trazer à memoria a Sagrada Morte e Payxaõ de Noſſo Senhor JESU Chriſto, e o muito que por nòs padeceo, para que com eſta lembrança ſe lhes fizeffem mais leves os trabalhos em que eſtavaõ, e lhes perſuadia, que pois eſtavaõ eſperando pela derradeira hora, ſem poderem ſer ajudados de remedio algum humano, ſenaõ o da miſericordia de noſſo Senhor, que ſe encomendaſſem a elle, para que por ſua piedade diſpuzeffe delles aquillo que mais cumpria a ſeo ſerviço e ſalvaçaõ de ſuas almas. Iſto nos dizia com palavras taõ amigas, brandas, e devotas, que nos alevantavamos quaſi ſem nenhuma força para tornarmos ao trabalho; e muitas vezes dizendo-nos eſtas couzas e outras, lhe faltavaõ as lagrimas de compaixãõ de nos ver em o meſmo perigo em que elle eſtava, mas por ventura menos lembrado de ſi, que de ſeos companheiros,

Forge de Albuquerque Coelho. 41

ros. Huma couza nos espantava muito a todos , e era ver que a mayor parte da viagem viera Jorge de Albuquerque doente , por se embarcar maltratado de algumas indisposiçoens que o trabalho da guerra lhe causára , e despois que peleijámos com os Francezes , e nos sobreveyo a tormenta , nunca mais se queixou da mã disposiçaõ , e o viamos andar taõ saõ , e esforçado , e taõ continuador nos trabalhos , que nos espantava e envergonhava a todos. Alem de todas estas couzas , que atràs digo , dizia que tinha tanta confiança e fé na misericordia de Nosso Senhor , que nos affirmava , como se o tivera por certo , que nos havia Nosso Senhor de livrar daquelle perigo , e haviamos de ver a terra , como se a viramos , ou tiveramos Nao , que nos pudera trazer a ella. Toda-via com tudo isto vinhamos taõ faltos de forças , que quasi não havia quem pudesse hir dar à bomba. E vendonos elle assim quasi desesperados da vida , sem forças , e sem mantimento com que as sustentassemos , com grande segurança de rosto se pos no meyo de seos companheiros , e lhes disse. Amigos , e Irmaõs meos , cada hum de vòs tem entendido o miseravel estado em que estamos , e quaõ alheyos estamos de remedio humano , pois a Nao em que navegamos não tem vèlas , nem mastros , nem lè-me , nem enxarcea , nem nenhum apparelho dos que para a navegaçaõ havemos mister : além disto não sabemos onde estamos , nem para onde caminhamos , porque de nenhuma couza destas temos certeza : e o peyor de tudo he , que não temos em toda esta Nao couza com que nos pos-

famos sustentar , pois o mantimento he acabado: Bem sey que saõ todas estas couzas que vedes com os olhos, taes e taõ inimigas de nossas vidas, que qualquer dellas vos serà, e pòde ser a todo o homem, por esforçado que seja, muito temerosa, pois saõ couzas contra as quais naõ val força de corpo, nem esforço de animo, que saõ, fòme, furia de mar, Nao rota, e sem apparelho, e naõ saber caminho, nem carreira. Mas se vos lembrardes do que tendes nesta viagem passado , e naõ vos esquecerdes daquelle terrivel volcaõ que nos deo, e dos màres que nos cobrião, e de quantas vezes esta Nao ficou amadornada e morta debaixo da agoa, e que todos vos dèstes por mortos, vendo tudo que parecia ser conjurado contra nossas vidas, a agoa, vento , relampagos , athè o nosso mastro que nos queria alagar: se nada d'isto vos esquece, vereis claro quanta razaõ tendes para confiar na grandeza da misericordia de Nosso Senhor, e terdes fé firme nelle , que vos hade salvar; porque quem de tantos trabalhos nos livrou athègora, muito certo deveis de ter que vos ha de livrar dos que vos sobrierem ; pois se elle quizera por meyo naturaes alargarvos, qualquer dos màres que vistes bastava para vos meter no fundo do mar. E que sabeis se saõ estes trabalhos, com que quer provar vossa fé, mimos de nosso Senhor? Eu certo como se o visse, espero que elle nos hade levar à terra , para que a gente saiba este milagre , que commosco usa, porque naõ fique isto sem ser sabido: e a gente, a cuja noticia vier este nosso naufragio, dè sempre louvores a

Nosso

Nosso Senhor , e glorifique e exalte com graças seu Santo Nome ; e mais que nos não hade levar a qualquer terra , senão à Cidade de Lisboa , aonde possamos contar couzas tão novas como estas ; e não he necessario para hirmos seguros e confiados de isto fer assim , mais que fé em o Senhor , pois elle diz em hum dos Evangelhos , que quem tiver fé fundada em pureza de coração , tamanha como hum graão de mostarda , farà mudar e traspassar hum monte de huma parte para outra. Portanto , Irmaões meos , postos neste estado de fé e confiança neste Senhor , esperemos , que neste pedaço de pão nos livrará do profundo abismo do mar. Estas couzas , e outras como estas , que elle dizia melhor do que eu as sey relatar , vinha dizendo à sua piedosa companhia , com que nós todos muito nos consolamos , e muito mais com o ver a elle andar tão ledo , e com rosto tão prazenteiro , que parecia não fer elle aquelle que padecia os trabalhos e fômes que perseguião a todos : e sempre andava consolando a quem lhe parecia que mais fraco estava , sem dar a entender , que sentia o perigo em que vinhamos : mas ninguem o entendia melhor que elle , porque algumas vezes de noite o achavamos em lugar apartado , com muitas lagrimas , e exclamaçoens a Nosso Senhor , pedindolhe tivesse por bem de nos salvar ; e de dia a todos animava , e consolava , e com tanto animo e esforço o viamos andar nestes trabalhos , que nos animavamos muitas vezes , e bem parecia ser filho de seu pay nisto , e sobrinho de seu tio o

Grande Affonso de Albuquerque, aos quaes he certo que imitava.

Era taõ rijo o vento que traziamos, que por as vèlas serem fracas, da materia que tenho dito, se rompèraõ por algumas partes, de sôrte que foy necessario concertallas, e estando-as concertando, e remendando-as, se nos acabou de desapegar o o lème, e quebrar o ferro em que só vinha pegado, e de roer e quebrar as còrdas com que o traziamos atado, e assim ficou por popa. Vendose o Piloto, e Mestre, e a mais gente sem lème, mastros, vèlas, enxarcea, ancoras, e batel, e com o mantimento, que atràs disse, já gastado, e taõ longe de terra como suspeitavaõ, cahiraõ no convés desacorçoados com tristeza e fraqueza, dando-se de todo por perdidos, vendose desamparados de todo o remedio, porque ainda que o lème lhe servia mal, por vir como vinha, assim com elle nos consolavamos muito. Vendo Jorge da Albuquerque tamanho espanto na gente, foy cercado de grandissima tristeza e dor, por ver que já não tinha nenhum modo de mantimento, nem que beber; havendo já muitos dias que não bebiamos agoa, nem vinho, e que o vinagre que se dava para molhar o padar, estava já na borra, e que já não havia quem pudesse dar à bomba, nem terem-se nas pernas com fraqueza; poz-se assim muito triste a cuidar que meyo teria para consolar seos companheiros, e supitamente se levantou taõ rijo e lèdo, como se sahira de alguma festa, e começou a chamar a todos cada hum por seo nome, e tirando de hum livro de rezar seo, que es-

condèra

Forge de Albuquerque Cœlho. 45

condèra dos Francezes, duas folhas, em humadellas estava Nosso Senhor JESUS Christo Crucificado, e em outra a Imagem de Nossa Senhora, as quaes poz pregadas ao pè do mastro, que todos vissem, e chamando-os a todos lhes disse em alta vòz: Ora sus companheiros, naõ haja quem emfraqueça, nem desfmaye, ponhamos os olhos naquellas Imagens, com cuja vista nos podemos alegrar e consolar, conhecendo que quem tanto padecèo por nòs, pois he todo misericordioso, e piedosissimo, nos salvarà deste temeroso perigo, e nos levarà a salvamento, e mais tendo nòs por advogada, e intercessora a Sacratissima Virgem MARIA Nossa Senhora Rainha dos Anjos, por cuja intercessãõ, rogos, e merecimentos eu espero e confio, que nos havemos de ver fóra de tamanho perigo: e tornovos a dizer, que naõ havemos de hir a qualquer terra, senaõ que pella intercessãõ da Virgem Nossa Senhora havemos de hir ter a Lisboa, para que nossa chegada em salvo faça notorios os milagres que por nòs obrou. E sabey amigos quaõ confiado estou nisto, que antes me quero aqui comvosco, que na Nao dos Francezes, porque levandome, naõ quiz hir como vistes, senaõ mantendovos companhia, e ser testemunha de vista dos perigos que passámos, e das grandes misericordias que Deos comnosco ufou.

Acabãdo estas palavras nòs puzemos todos de joelhos diante das Imagens de Christo Crucificado, e de sua Mãy Santissima, pedindo em altas vòzes misericordia, com taõ dolorido e lastimoso som, que por sem duvida tenho, que de ninguem

guem pudèramos ser ouvidos, que se pudèra, nos não foccorrèra, doendose de nossa desaventura, por duro e barbaro que fora: porque era couza lastimosa, e de grandissima compaixão ver o estado, em que esta misera gente estava, de trabalhos e necessidades, e tão disfórmes e magros, que nós hiamos já desconhecendo huns aos outros. Jorge de Albuquerque, posto que o não dava a entender a pessoa alguma, vendo que a miseria que passavaõ não dava lugar a terem muitas esperanças de salvaçaõ, nem vida, fez humã declaraçãõ por escrito de couzas que cumpriaõ a couzas de sua consciencia, a qual com outros muitos papeis, que relevavaõ, meteo em hum barril de pão pequeno, e o fechou, e breou muito bem para o deitar no mar, quando se todos vissem na derradeira hora da vida, para que pelos papeis que se nelle achassem, se soubesse o fim que todos houveramos. Mas isto se fez com tanto segredo, que nenhum de nós outros entãõ o soube. Vendonos sem lème, ordenamos hum modo de espadella, como remo, de taboas, e pãos, que tiramos da Nao, e todas estas couzas, e algumas mais que eraõ feitas, faziamos com hum machado velho, e hum escopro, e os furos que se haviaõ de fazer com verrumas, os faziamos com prègos quentes, e Jorge de Albuquerque era sempre o inventor de todas estas couzas, e dos primeiros que lançaõ mãõ de tudo o que se fazia. A espadella que fizemos em lugar de lème aproveitou tão pouco, que não queria a Nao governar com ella, e com tudo, com caçar e alargar as pobres e fracas escotinhas,

nhas, e com remarem dous rémos por banda, dava a Naó algum geito de si, e com huma Cevadeira, que fizemos de dous mantos com que se os companheiros cobriaõ : mas tudo isto não aproveitava por ser o vento rijo, e os mares grossos, e sómente nos servia quando havia bonança. Já Jorge de Albuquerque nos não consolava, senão que fiava q̄ como se acabasse o mez de Settembro (que estavamos já a vinte e sete delle) se haviaõ de acabar os trabalhos, e com o mez de Outubro esperava, que havia de vir bonança, e o favor do Bom JESUS, e da Virgem Nossa Senhora.

Aos vinte e sete deste mesmo mez, que foy dia de S. Cosme e S. Damiaõ, começamos a lançar ao mar algumas pessoas que nos morreraõ de fraqueza, e com pura fome, e trabalhos: e foy tanta a necessidade da fome que padeciamos, que alguns dos nossos companheiros se foraõ a Jorge de Albuquerque, e lhe differaõ: Que bem via os que morriaõ e acabavaõ de pura fome, e os que estavaõ vivos não tinhaõ couza de que se sustentar; e que pois assim era, lhes dèsse licença para comerem os que morriaõ, pois elles vivos não tinhaõ outra couza de que se manter. Abriose a alma a Jorge de Albuquerque de lastima e compaixão, e arrazaraõse-lhe os olhos de agoa quando ouvio este espantoso requerimento, por ver a que estado os tinha chegado sua necessidade, e lhes disse com muita dor, que aquillo que lhe diziaõ era taõ fóra de razão, que erro e cegueira muito grande leria consentir em taõ bruto defe-

jo,

jo; mas que bem via, que vencidos da necessidade presente tomavaõ aquelles conselhos que lhes dava taõ roim conselheira como a fême era, mas que lhes pedia que olhassem bem o que queriaõ fazer, porque elle em quanto fosse vivo tal não havia de consentir, e que depois d'elle morto, podiaõ fazer o que quizessem, e comello a elle primeiro. Bem pôde, quem quer que isto ler, julgar, que taes estariaõ os homens, que chegãraõ a termos de fazer couza nunca ouvida, senãõ no Cerco de Jerutalem. Começou Jorge de Albuquerque a consolallos com palavras de esperanças em Deos, em cuja maõ está todo o remedio. E vendo o perverso inimigo, que os não podia levar fóra da esperança, em que as palavras de Jorge de Albuquerque os punhaõ, e a particular confiança em Deos, com que cada hum de nós esperava de se salvar, desejando que afracassem nella, como inimigo de nossas almas, começou a usar hum novo, e não cuidado ardit contra nós, o qual foy este. Vendo que a braveza do mar, e furia da tormenta nos não pudèra acabar, encaixou nos corações de alguns dos nossos huma persuacão infernal, de se não poderem salvar, nem escapar daquelle perigo, e que todos haviamos de morrer forçadamente.

Vencidos de taõ mào conselho do falso inimigo, consultãraõ alguns delles entre si, que pois não podiaõ escapar por nenhum caso, por estarem taõ desamparados de todo o remedio humano, e a fême que padeciaõ lhes fazia ser a vida penosa, para escuzarem a pena, que padeciaõ com ella,

que

Jorge de Albuquerque Coelho. 49

que arrancassem huma taboa do fundo da Nao para com mais brevidade se hirem ao fundo, e com isso ficarem sem vida, e sem trabalhos, que com a ter padeciaõ. Quiz nosso Senhor por quem he, que se descobrissem estas danadas determinações, e conselhos diabolicos a Jorge de Albuquerque, para poder impedir sua execuçaõ, como fez. E pedindo a Nossa Senhora da Graça lhe alcançasse de seo Unigenito Filho graça para que pudesse remediar tamanho mal, e outro não menor que este, que juntamente veyo a saber, e era que estavaõ todos os que havia vivos na Nao, pôstos em bandos e brigas, estando taõ vizinhos da morte, como dito tenho, sem forças, e sem armas, porque na Nao não havia mais que huns pedaços de facas, e pãos para poder brigar, e nenhum delles se podia ter nas pernas. Parece que a fóme que padeciaõ, e a desesperaçãõ que tinhaõ concebida, os punha em tamanho desatino e desconcerto, e principalmente o demonio, que com meyo taõ infernal os queria acabar em taõ mão estado: e que huns aos outros acabassem o que nem o mesmo demonio, nem o mar, nem a furia da tormenta puderaõ fazer. E com assás melanconia e agastamento se pôs Jorge de Albuquerque entre elles, e os começou a reprehender do diabolico conselho que aceitavaõ em se quererem hir ao fundo do mar, e juntamente estando em estado taõ piedoso, quererem ter brigas, que era couza vergonhosa: e sabida a razaõ porque as queriaõ ter, não era alguma mais, que cizania, que o demonio entre elles semeava; pelo que de novo lhes

começou a rogar, que quizessem estar em paz como irmãos ; e que devendo fazer isto em todo o tempo , pois eraõ Christaõs , neste principalmente se haviaõ de envergonhar muito lembrarhe couza alguma de odio para seos proximos ; e que naquelle perigo em que estavaõ se naõ deviaõ de lembrar mais que de sómente pedir a Deos misericordia , e ter firme fé em Christo Senhor Nosso, que pela sua infinita bondade os levaria a porto de salvamento , e que naõ desconfiassem, nem quizessem tomar a morte com suas maõs , pois com isto matavaõ corpo , e alma , couza que todo o Christaõ deve tanto temer , e fugir : e que quem naquelles trabalhos , ou em outros tamanhos (se os no mundo havia) se punha nas maõs do Senhor , recebia sempre mais e mayores mercès das que esperava ; e que assim confiava elle em Nosso Senhor , que naõ sómente os havia de livrar do perigo em que estavaõ , mas que os havia de levar a Lisboa, como lhestinha dito algumas vezes ; por isto lhes rogava, que lançassem de si todo o odio, e mà querença , porque tendo odio se faziaõ incapazes das mercès que esperavaõ da Divina Magestade. Prouve a Nosso Senhor , que com estas palavras , e outras muitas , que lhes Jorge de Albuquerque disse, lhes tirou do pensamento os danados propositos que tinhaõ , e assim ficaraõ livres do diabolico laço que o inimigo lhes tinha armado , o qual era o mais perigoso passo em que se viraõ , pois com os outros perigos podiaõ morrer os corpos, e salvarse as almas com a contriçaõ , que em todos parecia : e neste se perdiaõ corpos ,

Jorge de Albuquerque Coelho. 51

è almas , por quererem tomar a morte com suas mãos , desesperando da misericordia de Nosso Senhor.

Aos vinte e nove de Settembro, dia do Anjo S. Miguel , pela manhãa houvemento vista de huma Nao, à qual capeámos e faziamos como desejos de remedio para nos salvar, por vir muito perto de nós; mas tiverão taõ pouca caridade quem quer que eraõ, que nos naõ quizeraõ acodir, vendonos em hum pedaço de Nao, da maneira que vinhamos.

Andavamos já todos de maneira, que quasi nos naõ podiamos alevantar com fôme, com fede, e com trabalho continuo que tinhamos em dar à bomba hum espaço de hora, e outro descançavamos, porque ainda que com a hida do Marinheiro abaixo tomámos muita agoa, toda-via nunca deixámos de fazer tanta, que nos era necessario dar à bomba. Estando no misero estado que tenho dito, com a necessidade, fôme, fede, e trabalho que contey, sem sabermos onde estavamos, nem para onde caminhavamos, a misericordia de Nosso Senhor, que nunca faltou a quem por ella chama, nos soccorreo taõ favoravelmente, que milagrosamente a dous dias do mez de Outubro, a huma terça feira, sem o cuidarmos, nos achámos entre as Berlengas, e a Roca de Cintra, defronte de Nossa Senhora da Pena, a qual casa vimos a horas de meyo dia, acabandose de desfazer hum grande nevoeiro e nebrina, que se fizera pela manhãa, e porque quando vimos terra cuidavamos que podia ser Galiza, depois que conhecemos

bem aonde estavamos, nos alegrámos como cada hum pôde cuidar; mas fez-nos tristes o não ter com que hir a ella. E chegando-se a Nao para terra muitos fizeraõ prestes toboas e pãos para se lançarem ao mar com elles, quando a Nao dèsse à Còsta, na qual se dèsse parecia couza impossivel escapar nenhum de nós, por aquella paragem de Còsta ser tão fragosa e brava, como todos sabem. E querendo por conselho do Piloto e Mestre fazer jangadas para fahir, lhes disse Jorge de Albuquerque: Ah senhores, que vergonha he esta? tão pouca fé tendes, e tão pouco confiais na misericordia de Nosso Senhor, que livrandonos de tantos trabalhos e perigos, vos havia de trazer à vista de terra para vos perderdes? Não creais tal, porque quem vos aqui trouxe, e à vista de tal costa, como he a de Nossa Senhora, não hade permittir, que nos percamos, senaõ que nos salvemos todos; porque eu espero, que nos leve a parte, onde todos saltemos em terra a pè enxuto, assim como eu vo-lo disse algumas vezes là nesse Golfo, e bem longe de terra, que agora vemos. Neste comenos houvemos vista de muitas vèlas, às quaes capeámos, e o bem era, que quanto mais lhes capeavamos, mais se desviavaõ de nós; e alguns dos nossos cuidavaõ, que haviaõ medo de nossa Nao, por lhes parecer fantasma, porque nunca se vio no mar couza tão dessemelhada para navegar, como o pedaço da Nao, em que vinhamos.

Ao outro dia tres de Outubro, véspera do Bemaventurado S. Francisco, amanhecemos muito perto da Roca, e da Rocha, e hindo já quasi

a Nab para dar à Còsta , passou por nós huma Caravela, que hia para a Pederneira, e pedindo-lhes nós outros, que à honra da Morte e Paixaõ de Nosso Senhor nos quizessem foccorrer, dandolhes conta de todos nossos trabalhos, e que além de fazerem serviço a Nosso Senhor, lho pagariamos muito bem, que nos tomassem comfigo para nos porem onde quizessem, pois estava em sua mão salvarnos: e pedindolhe isto com a instancia, que nossa necessidade requeria, nos responderão: Que JESU Christo nos valesse, que elles não podiaõ perder tempo de viagem; e se foraõ sem nenhuma piedade de nós outros. Vendo-os assim partir, ficamos taõ desconfolados, que não houve nenhum de nós, que se lhe não arrazassem os olhos de agoa, por vermos a crueza que comnosco usavaõ homens Portuguezes, e nossos naturaes. Foy crueza esta muito para se estranhar, e para hum Rey mandar castigar. E hindo assim já para darmos à Còsta, sem termos remedio algum de salvaçaõ, pela parte em que hiamos dar, nos focorreo a misericordia Divina com huma barca pequena, que hia para a Atouguia, a qual vendoa começamos a capear, e abradar pòstos de joelhos, gritando, e pedindolhe da parte de JESU Christo nos valesse: e estando a barca de nós hum tiro de berço, nos acudio com muita prèssa, como proximos, e Christaõs. Etanto que os da barca chegaraõ a nós, ficaraõ espantados de nos verem da maneira que vinhamos, e nos disseraõ que logo, posto que esta-vaõ longe, nos ouviraõ o requerimento, que da parte do Nome de JESU lhes fizemos: couza por cer-

certo muito para notar, porque não podendo nenhum de nós de fraqueza fallar alto, foraõ ouvidas nossas vòzes taõ longe. Na barca vinha hum Rodrigo Alvares da Atouguia, Mestre e Senhorio della, e Francisco Gonçalves de Aveiro, e Joã Rodrigues da Atouguia, e hum moço filho do mesmo Francisco Gonçalves; e todos estes em vendo os nossos, e o perigo em que estavamos, nos começãrã a consolar, e esforçar, dizendo, que não temessemos, que elles nos não desamparariaõ, ainda que se puzessem a risco de perder-se, e que todo o possível fariaõ por nos pôr em terra a salvamento; e que por esse trabalho não queriaõ premio algum, porque o queriaõ fazer por serviço de Nosso Senhor, visto como parecia couza milagrosa tellos trazido alli, onde havia tres dias que se não podia hir para diante, nem para trã, andando sempre dando bordo ao mar, e bordo à terra para fazerem feo caminho: que parecia que Nosso Senhor não quiz que se pudéssem hir dalli; porque esperassem por nós para nos levar à terra, e que em lhe nós bradando nos ouviraõ, e logo nos acudiraõ com muita prèssa, vindo com vento em popa para nossa Nao, que athèntaõ lhes não ventãra. E vendo a Nao taõ destroçada, e qual vinha, e a nós outros taõ disformes de fome, ficãrã attonitos: e com muita compaixaõ começãrã a chorar, e nos deraõ logo do paõ, agoa, e fruta que para si traziaõ: dos nossos huns não puderaõ comer de sobeja alegria de ver terra, e em que hir a ella, e outros por terem já o padar cerrado da fome e necessidade passada:

e averiguadamente se andàramos mais dous ou tres dias no mar, naõ ficàra nenhum de nòs vivo, porque os que vinhamos vivos, naõ nos podiamos ter nas pernas pelo trabalho de dar à bomba, e haver dezafete dias que naõ bebiamos agoa, nem vinho, e quasi em todo este tempo naõ comiamos cada dia mais que tres ou quatro Cocos, se eraõ pequenos, porque se erao mayorzinhos, tres sómente repartiamos por todos, que eramos perto de quarenta pessoas. O Senhorio da barca, tanto que nos acabou de dar de comer, nos deo hum cabo com que afastamos a Nao da Rocha, e assim à toa trouxeraõ a Nao ao longo de terra, athè a porem em Cascaes a horas de Sol posto, e em as barcas, que logo acodiraõ de terra, se passaraõ alguns de nòs, que desembarcãraõ em Cascaes, outros viemos desembarcar a Belem a pè' enxuto. Huns e outros logo dalli comecãraõ a cumprir suas Romarias que traziaõ promettidas, dando muitas graças a Nosso Senhor pelas grandes e misericordiosas mercês que conosco usãra. Jorge de Albuquerque antes que se desembarcasse satisfez ao Senhorio da barca, e aos mais companheiros seos a boa obra, que nos fizeraõ em nos trazer athè alli, e na mesma noite que chegamos ficou a Nao amarrada por popa da barca, por naõ ter com que se amarrasse; e com a barca naõ ter mais que huma só fateixa ao mar se teve a si, e à Nao toda aquella noite, que foy quinta feira o dia seguinte quatro de Outubro. No mesmo dia o Infante D. Henrique Cardeal neste Reyno de Portugal, que neste tempo governava,

vernava, mandou huma Galè para que trouxesse a Nao pelo rio acima, como fez, e se poz a dita Nao defronte da Igreja de S. Paulo, que ora he Freguezia, e por espaço de hum mez ou mais que alli esteve, hia tanta gente vella, que era couza espantosa, e todos ficavaõ admirados, vendo seo destroço, e davaõ muitas graças e louvores a Nosso Senhor, por livrar os que nella vinhaõ de tantos perigos como passáraõ. E assim parece razãõ, que toda a pessoa, a cuja noticia vier a grande misericordia que Deos usou conosco, lhe dè muitas graças e louvores, por nos trazer a salvamento em hum pedaço de Nao, estando afastados de terra duzentas e quarenta legoas, sem termos lème, nem vèlas, nem mastros, finalmente nenhum aparelho daquelles de que se tem necessidade para navegar, e a Nao aberta que se hia ao fundo: e sobre tudo isto, fòme e sede, sem ter que comer, nem que beber, andando vinte e dous dias, como tenho dito, em dezafete dos quaes nenhum de nòs bebo agoa, nem vinho, nem comemos mais que tres quatro Cocos, repartidos cada dia por quarenta pessoas.

Moveome escrever este discurso de nosso naufragio querer que soubesse toda a gente os trabalhos que nas navegaçoens se passaõ, e quaõ fórte fraqueza he esta de nosso corpo, à qual se se lhe representassem para passar os trabalhos com que pòde, cuido por certo que desmayaria de os ouvir: e mais para que todos vejaõ claro com quanta razãõ devemos todos esperar, e confiar na misericordia do Senhor, a qual naõ desempara ninguém

Jorge de Albuquerque Coelho. 57

quem em trabalhos, por grandes que sejaõ, se a buscarmos com pureza de coração, com que he necessario aparelharmonos para a recebermos: e para que se faibaõ as grandezas da misericordia de Nosso Senhor, e as maravilhas que usa com os peccadores, que na sua bondade e misericordia confiaõ, me puz a escrever este compendio de trabalhos, que serviràõ de espelho, e aviso, e consolação para os que se virem em quaesquer outros semelhantes a este, saberem ter grande fé, e cõfiança na misericordia de Nosso Senhor os livrar e salvar, assim como fez a nõs. E por tudo seja o Senhor sempre bemdito e louvado.

Põsso afirmar com verdade a todos os que isto lerem, que naõ escrevo aqui ametade de tudo o que passámos, porque nem quando passsey estes trabalhos tinha lembrança, nem commodidade para os escrever, nem depois de passados me soffria a memoria querer que se lhe representassem: mas sómente he aquillo que me pòde lembrar do muito que padeci nesta viagem: mas seja louvado o Nome Santissimo de JESU, cuja bondade e misericordia me trouxe a salvamento. Os que chegámos à terra vivos foraõ estes: Jorge de Albuquerque Coelho, que foy o que mais trabalho soffreo, e perda recebeo neste Naufragio que todos, o Piloto Alvaro Marinho, o Mestre André Rodrigues, Affonso Luis Piloto, mas naõ da nossa Nao, André Gonçalves, Domingos da Guarda, Antonio da Costa, hum homem por nome o Velho, hum moço por nome Antonio, Balthazar Alvares, hum Padre da Companhia, por nome Al-

varo Lucena, hum filho bastardo de Jeronymo de Albuquerque, Graviel Damil, Simão Gonçalves, Simeão Gonçalves, Gomes Leitaõ, dous Irmaõs por nome os Bastardos, hum Velho, Mestre de fazer assucar, Bràs Alvares Pacheco, huma escrava de Jorge de Albuquerque, por nome Antonia, e outros escravos mais.

A gente que o mar levou foraõ, o Contra-Mestre Toribio Gonçalves, Antonio Fernandes, hum moço por nome Antonio, filho do Velho, Gaspar Mouco, hum Francez Piloto, Domingos Gonçalves, Antonio Moreira. Os mais morreraõ pelo caminho com fome, sede, e trabalho. Huma jó couza quero contar, para se poder ver o muito trabalho que soffremos, e a que estado nos chegou este naufragio, que sahindo Jorge de Albuquerque com alguns que o acompanhãmos em Belem, e encaminhando em Romaria a Nossa Senhora da Lus, pelo caminho de Nossa Senhora d'Ajuda, sendo sabido na Cidade dos parentes e amigos, que era chegado alli, D. Jeronymo de Moura seo primo, filho de D. Manoel de Moura, e outras muitas pessoas o foraõ logo buscar, e sabendo que era já desembarcado, e aonde hia, e que caminho levava, foraõ a poz elle; e chegando o Primo a nõs outros, que hiamos juntos, nos saudou, perguntandonos se eramos nõs os que nos salvarãmos com Jorge de Albuquerque? e dizendolhe que sim, nos perguntou: Jorge de Albuquerque vay diante ou fica atràs, ou tomou por outro caminho? E Jorge de Albuquerque, que estava diante d'elle, lhe respondeo: Senhor, Jorge de Albuquerque

querque não vay diante, nem fica atrás, nem vay por outro caminho. Cuidando D. Jeronymo que zôbava, quasi se houve por desconfiado, e lhe disse, que não gracejasse, que respondesse ao que lhe perguntava. Disselhe Jorge de Albuquerque: Senhor D. Jeronymo, se virdes Jorge de Albuquerque, conhecelloheis? Disse elle que sim. Pois eu sou Jorge de Albuquerque, e vòs sois meo primo D. Jeronymo filho de D. Izabel de Albuquerque minha tia; aqui podeis ver, e julgar o trabalho que passley. E criandose ambos, e não havendo mais que hum anno, que se deixàraõ de ver, e sendo muito amigos, e conversando muito tempo, o desconhecia de maneira, que nem com isto o pode acabar de conhecer. Foy entaõ necessario a Jorge de Albuquerque mostrarlhe sinaes na pessoa, por onde com muitas lagrimas o abraçou, espantandose de quaõ desselmelhado vinha elle, e assim vinhaõ todos os mais. A tudo isto fuy testemunha de vista, por isso o contey. Seja louvado Nosso Senhor, que me chegou a estado de poder escrever isto, couza que muitas vezes cuidey, que não poderia ser; mas sómente Deos he o que sabe tudo; seja elle bemdito e louvado para todo sempre.





BRASILIANA DIGITAL

ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital - com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais. Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

2. Atribuição. Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

3. Direitos do autor. No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente (brasiliiana@usp.br).